



Sem tempo para angústia¹

Como fazer falar a angústia no sem tempo de hoje se fazê-la falar está diretamente ligado ao manejo do tempo? Paz assim define a angústia: *Entre o nunca e o sempre, aninha-se a angústia com suas mil patas e seu olho único*². Definição que inclui o tempo – o nunca e o sempre – como um sem tempo, já que o sujeito aí está, entre esses dois, suspenso. Que a definição de angústia traga a dimensão temporal, des-espero³, não é desconhecido pelo corpo que multiplica sua sensibilidade, se agarra e é agarrado com *mil patas* na desconfiança que não engana de nos vermos reduzirmos a ele⁴. Reduzido à um corpo, este de mil patas e seu olho único, a tudo ver.

Um minúsculo recorte clínico. Alguém escreve à paciente: “te vi andando pela rua esta manhã”, isso foi suficiente para deixá-la angustiadíssima, suspensa e taquicardica. Que passou? Ali, numa manhã qualquer, o objeto *a*, em sua forma episódica, o olhar, aparece como um pó fino no ar, uma substância impalpável que irrita, enjoa e atrai, transportando o sujeito para essa cena de maneira a não lhe restar outra posição que não o de identificado ao objeto olhar. Resulta dessa operação uma angústia avassaladora, *é bem o sintoma tipo de qualquer advento do Real*⁵, diria Lacan, explicitando que não é o passado que empata presente, mas o Real, a aparição deste impalpável que insiste em prender o sujeito em suas eternas repetições⁶. Ela estava ali, congelada no instante eterno da angústia, suspensa, até que as palavras viessem capturá-la e descê-la à terra, enlaçamento simbólico do falante.

Mas fazer falar a angústia necessita tempo, bem de consumo bastante escasso atualmente. O desvario dos laboratórios farmacêuticos, psiquiatras aí inclusos, em medicalizar de maneira exagerada e sem limites nossas angústias vêm, também, do “sem tempo irmão”, da demanda de pressa, da produção, do ser funcional na engrenagem

¹ Referência ao meme viralizado no Brasil “sem tempo irmão” usado como resposta para toda e qualquer demanda advinda do outro.

² Octavio Paz, O mono gramático, p. 113.

³ Em português o verbo reflexivo “desesperar” é utilizado no sentido do substantivo “desespero” como ponto máximo e inflexivo da angústia, palavra que contém o verbo “esperar”. Desespero é o estado que alguém se encontra em uma situação que julga sem saída.

⁴ L. Lacan, A terceira.

⁵ Idem.

⁶ Fingermann, Dominique. O “tempo” de uma análise. Stylus, n. 18, p. 33, abril de 2009.



neoliberal. Atenção à esta prática normalizada, se nos guiarmos por Kierkegaard estaríamos medicalizando também nossa condição humana, o que equivale quase a nos fazer não humanos, ou ainda, humanos patologizados, pois ao se internalizar normas e ideais, internaliza-se também transtornos e comportamentos julgados desviantes. Afinal, *governar nunca é simplesmente impor a norma. Governar é organizar as margens. É gerir as formas de rejeição à norma, dar a elas figuras permeáveis à intervenções*⁷ e há clínicas que se colocam à disposição desta governamentalidade social.

A nós analistas cabe fazer falar a angústia e não *administrar almas*⁸ rumo à redenção mais rápida. Junto ao discurso corrente, o analista maneja o tempo também com pressa, mas em direção a função da urgência, aliando-se à angústia para dela extrair nosso grão de incurável. **Sim, pressa, urgência, mas no tempo intempestivo, extemporâneo, que marca a posição do inconsciente, suas frestas.** Se o discurso neoliberal apressa o sujeito para vestir suas marcas, nós marcamos a pressa necessária para que o *sujeito possa se apresentar tal como é e sair da prisão de suas identificações alienantes*⁹, retornando à hiância, à terceira ferida narcísica: a descentralização da razão, à própria Coisa freudiana, ao inconsciente, à verdade da castração. Mas a castração em Freud é aonde se chega¹⁰, em Lacan, ela é de onde se parte, uma falta que o simbólico não supre, logo Real, onde o objeto *a* vem fazer sua presença enquanto o que resta de não simbolizável, ponto falta-de-significante, avesso à redução simbólica. *A função da pressa é a função desse pequeno apressado*¹¹, dirá em 73. Como seria possível alcançar essa falta real? Não é preciso muito, ela se apresenta, se presentifica, ela é o presente. A nós, resta o manejo da transferência, que gira em torno do objeto *a*, logo do tempo, via desejo do analista¹².

⁷ Safatle, Vladimir. Alfabeta das colisões (pp. 32-33). Ubu Editora. Edição do Kindle.

⁸ J. Lacan, *A coisa freudiana ou o Sentido do retorno a Freud em psicanálise*, in Escritos, Jorge Zahar Editor, 1998, p. 404. “Como não se justificar por tomar essa posição como verdadeira quando ela é real, como não deslizar daí para tornarem-se administradores de alma, num contexto social que lhes requer esse ofício?”.

⁹ Nominé, Bernard. O tempo: um objeto lógico. Stylus, n.18, p. 53, abril de 2009.

¹⁰ Basta lembrar do “rochedo da castração”, como aquilo que se chega à uma análise e, em Freud, intransponível.

¹¹ J. Lacan, seminário Mais ainda, p. 67, Jorge Zahar editor, 1985. Lembrando que “pequeno *a* apressado”, em francês, *petit a-t e hâte* (pressa), são homofônicos.

¹² Cf. capítulo XI no Seminário A angústia, nomeado Pontuações sobre o desejo, cujo primeiro subtítulo é “Da contratransfêrência ao desejo do analista”. Mas também in J. Lacan, *O ato psicanalítico – resumo do*



Se o objeto é necessariamente metonímico, uma vez que faltoso, **sua sina seria se fixar ali onde o real conserva seus vestígios, ou seja, nos momentos atemporais de estruturação psíquica**. Presentificação real, que só podemos nomear na instabilidade do falo e na atualização mortífera do gozo¹³.

Obviamente o uso de angústia real de Lacan não é o mesmo de Freud, **uma vez que é de uma exterioridade estranha ao significante que se trata** e não de uma angústia diante de um perigo real, como espero ter aclarado com o exemplo clínico. O que temos especificamente ali? O ponto onde cessa a oposição entre a visão interior e a exterior, entre o que vemos e imaginamos. Lembro a tese do imaginário em Lacan: o investimento da imagem especular é um tempo fundamental da relação imaginária, justamente porque limitado, ou seja, nem todo investimento libidinal passa pela imagem corporal, há um limite na imagem, uma mancha. É o – phi, falo imaginário, que resta fora dessa apreensão imaginária do corpo o que resulta na fratura que marca a imagem do corpo próprio – clinicamente, como conhecemos bem, essa imagem do corpo fraturado se traduz no sentimento de insuficiência ou falta que vem nas formas nem sempre muito criativas: gorda ou magra demais, um pouco torto demais ou de menos, e por aí vai – essa fratura marca o inapreensível do corpo próprio. Esse – phi, ainda que imaginário, é uma falta sem imagem e é justamente neste ponto central de falta que o estranho vem se alinhar quando de seu desaparecimento. Vocês reconhecem aí a tese de Lacan: a angústia não é da falta, mas do desaparecimento desta.

Aquele que sofre está paralisado em tempo contínuo de **espera**, vai daí que comemoramos o **des-espero**, ponto fora da curva, de recusa ao regime de tempo naturalizado pela neurose, quando o sujeito grita “onde está o meu tempo?”. Não se trata do banal “cada um tem seu tempo”, mas de um tempo que *é próprio de cada um, que participa de seu modo de ser*¹⁴. Tempo, na análise, de reconhecimento das *singularidades*

seminário de 1967-68, in Outros Escritos, Jorge Zahar Editor, 2003, p. 375: o da possibilidade de se fazer objeto a “se faz[er], a ser entendido: se faz produzir objeto a: com objeto a”.

¹³ É, pois, do real de um modo irreduzível sob o qual esse real se apresenta na experiência, é disso que essa angústia é sinal, J. Lacan, Seminário A angústia, p. 178.

¹⁴ Nominé, Bernard. O tempo: um objeto lógico. Stylus, n.18, p. 53, abril de 2009.

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUNS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN
GÚS
TIA

COMO
FAZÊ-LA
FALAR?

EPICL
MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE

*que atravessam suas formas de desejar, de se mover, de agir e de utilizar a linguagem*¹⁵, mapeamento primeiro. Mas há de se entrar em um segundo tempo que costuma aparecer como flash fulgurante, acompanhada dessa suspensão angustiante, aflição que o sujeito quer se livrar e que o analista mant o máximo possível, como se dissesse *não se assuste tanto, estamos juntos a encarar essa*. E, se o amor de transferência permitir, as chances de se inscrever um saber sobre como *habitar um tempo de desabamentos, um tempo de desamparo*¹⁶ sem ficar suspenso em angústia, são grandes. Saber este que possibilitará ao sujeito, assim apostamos, a condição para toda e qualquer emancipação possível.

¹⁵ Safatle, Vladimir. Alfabeto das colisões (pp. 34-35). Ubu Editora, 2024.

¹⁶ Idem.